



AÇÕES DOCENTES: INOVAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO EM FOCO

Kátia Farias Antero

UniGrendal / Faculdade Maurício de Nassau

professorakatiaantero@hotmail.com

Resumo: A visão educacional vem se modificando e não podemos mais, enquanto professores, ter um relacionamento professor e aluno como no passado. Nosso trabalho justifica-se por saber que as metodologias no ensino acompanham essas mudanças onde o mais importante é fazer com que o aluno se interesse na busca do aprendizado aliado à prática. Nesse contexto, o discente percebe-se como agente de mudança onde o mesmo sofre e sente os reflexos das mesmas. Por esse motivo, destacamos a importância da utilização de textos diversos no ensino das variadas áreas. Diante disso, esse artigo tem o objetivo de enfatizar a importância de um ensino contextualizado buscando destacar a necessidade de novas práticas. Para tanto, fazem parte como sujeitos dessa pesquisa 5 professores de disciplinas diferentes da uma turma de 6º ano composta de 30 alunos de uma escola da rede privada de ensino da cidade de Queimadas – PB. Dentre os estudiosos da área citamos Fazenda (1993), Heloisa Lück (1994,) Freire (2015) e outros. A pesquisa revelou resistência por parte de muitos professores afirmando que textos eram para ser utilizado por professores de língua portuguesa. No entanto, todos acabaram percebendo a necessidade da demanda nos dias atuais em explorar os estudos partindo de uma metodologia contextualizada.

Palavras-chave: ações de ensino, contextualização, metodologia.



INTRODUÇÃO

Em toda a trajetória da educação, ouvimos muito se falar em ensino tradicional e que em seus efeitos se contribuiu de forma significativa para o aprendizado do aluno em todo o processo de ensino.

No entanto, se investigarmos a questão do estudar por prazer e aprender por amor, dificilmente encontraremos testemunhos de pessoas que fizeram presentes dessa parte da história educacional e afirmarão que seria o melhor tempo.

Em muitos relatos podemos ouvir que os professores da educação tradicional era ditador, não deixa os alunos participarem e nem ao menos construírem nada porque aprender por tabela era o exigido dessa metodologia e o aprendiz em nada poderia construir e sim, apenas reproduzir o que já havia sido construído ao longo dos anos. Ou seja, era apenas um transmissor do que se ouvia e lia.

Na época em que esse ensino era aplicado poderia até dá resultados aos estudantes da época que aceitavam tudo que lhes era informado. Mas na atualidade, essa prática não funciona com resultados satisfatórios para os alunos que hoje não aceitam mais respostas prontas. Querem saber como construir e a que resultados chegar.

O fato é que como a maioria dos professores, quando estudantes, foi educada na escola em meio à prática tradicional, sentem dificuldades em fazer algo diferente porque não vivenciaram essa experiência e até é compreensível quanto a esse aspecto.

Mas ser professor é uma questão de escolha e afinidade em fazer o melhor de si para a educação que está o tempo todo em mutação constante e com a necessidade de professores habilidosos que tenham sede em querer aprender e fazer parte das descobertas do novo século.

Dessa forma, entende-se que o profissional da educação desse novo século deve se adequar as exigências que acompanham o novo alunado que adentra na escola da atualidade. Um alunado que tem a necessidade de ser atuante, quer ser ouvido, se sentir participante de uma construção.

Nessa perspectiva, temos um ensino mais humano. Mais próximo do estudante e de sua realidade onde o mesmo pode ser que a escola não ensina meros conteúdos, mas que esses conhecimentos adquiridos no ambiente escolar fazem parte do cotidiano, de uma vivência no social.

Para tanto, para suprir as necessidades que chegam com o aluno na escola, o professor deve inovar, renovar, aprimorar suas metodologias. Precisa ser um investigador de sua própria prática, buscando a melhor forma que se possa encontrar para aproximar o que será estudando e construído com a vivência do aluno.



Hoje, enquanto professores, precisamos ter a mente aberta para o aprender e saber que precisamos de auxílio o tempo todo em tudo aquilo que ainda desconhecemos que possa melhorar nossa atuação em sala de aula com o que ensinamos.

É justamente o que vem tratar e abordar uma nova metodologia que há muito vem se batendo na tecla no ensino dos conteúdos no qual o profissional deve utilizar de textos diversos para afixar melhor sobre o que está sendo estudado. Nosso trabalho justifica-se por saber que as metodologias no ensino acompanham essas mudanças onde o mais importante é fazer com que o aluno se interesse na busca do aprendizado aliado à prática. Nesse contexto, o discente percebe-se como agente de mudança onde o mesmo sofre e sente os reflexos das mesmas. Por esse motivo, destacamos a importância da utilização de textos diversos no ensino das variadas áreas

Contextualização

As escolas vêm se preocupando com a prática do ensino dos conteúdos das disciplinas levando em consideração toda contextualização possível, principalmente no que diz respeito aos alunos do Ensino Médio que tem vistas para a realização do ENEM.

No entanto, é muito difícil para o aluno realizar testes quaisquer que em sua vivência escolar não tem o hábito de vivenciar interpretações onde há interdisciplinaridade e textos diversos em disciplinas diferentes da Língua Portuguesa.

Deparamos-nos com alunos com dificuldade de interpretação desde a idade tenra até os anos finais do ciclo escolar justamente porque a prática da contextualização não tem sido presente.

Se faz necessário que o professor procure contextualizar o ensino com a realidade local do aluno, já que a educação tem se focado para um aprendizado que tenha dialética com o contexto social. Mas afinal o que é contextualização? Podemos afirmar que,

Contextualizar o conteúdo que se quer aprendido significa, em primeiro lugar, assumir que todo conhecimento envolve uma relação entre sujeito e objeto (...). O tratamento contextualizado do conhecimento é o recurso que a escola tem para retirar o aluno da condição de espectador passivo (BRASIL, 1998).

A contextualização visa dar significado ao que se pretende ensinar para o aluno (...), auxilia na problematização dos saberes a ensinar, fazendo com que o aluno sinta a necessidade de adquirir um conhecimento que ainda não tem (RICARDO, 2003, p. 11)



Dessa forma não é apenas aplicar textos por aplicar. Forçar uma barra para que se possa discursar que se está explorando a contextualização. Tem todo um trabalho por trás. Há um subentendido por trás das linhas. Há aprendizagens implícitas que estão integradas ao saber.

Dando reforço as informações supracitadas temos a contribuição de Libâneo (1990) que explica que assim que o professor faz a seleção dos conteúdos que trabalhará com as séries, deve ter o instinto pesquisador e buscar textos e analisá-los procurando ver como os assuntos são abordados neles de modo que possa enriquecedor e contribuir com o aprendizado dos alunos, fazendo a comparação com a vivência deles.

Resistências da docência tradicional

Como bem sabemos trabalhar com um modelo que está pronto e que “tem funcionado” há anos é muito mais cômodo e fácil porque ninguém vai questionar o trabalho do professor e nem muito menos sugerir que se faça algo de novo para que force a sair de sua zona de conforto.

No entanto, a contextualização é estimulante para as aulas mais proveitosas tanto para o aprendiz quanto para o educador que se torna aprendiz juntamente com seus alunos e passa a construir novos conhecimentos e trocar experiências.

Assim, a contextualização propõe um ensino com a metodologia focada em textos que conduzam a melhor absorção dos assuntos propostos e que ainda se possam buscar textos interessantes, atraente e coerente com a realidade do aluno. Isso não é tarefa simples e o professor é impulsionado a ser investigador, pesquisador constante para melhorar sua prática com gêneros textuais diversos o que faz com que a visão de trabalho com textos perpassa o olhar apenas da Língua portuguesa.

Partindo dessa perspectiva, muitos profissionais da educação desistem antes mesmo de conhecer a proposta da contextualização e outros até resistem afirmando que isso não cabe em sua disciplina.

Bem perdem de saber que a contextualização motiva o aluno na aprendizagem. Conforme explica Mamede – Neves (1999) ao afirmar que a motivação desempenha um papel ímpar, primordial no processo de aprendizagem do aluno e que o professor que tem a habilidade de motivar seus aprendizes é digno de ganhar medalha. Se faz necessário explorar o ensino aprendizado através da atitude metodológica que aborde a interdisciplinaridade, como é apontado por Ivani Fazenda:



A atitude interdisciplinar não está na junção de conteúdos, nem na junção de métodos; muito menos na junção de disciplinas, nem na criação de novos conteúdos produto dessas junções; a atitude interdisciplinar está contida nas pessoas que pensam o projeto educativo. Qualquer disciplina, e não especificamente a didática ou estágio, pode ser a articuladora de um novo fazer e de um novo pensar a formação de educador (FAZENDA, 1993. p.64).

Vê mos, portanto, que a zona de conforto já não é mais tão confortável assim tendo em vista a necessidade de nossos alunos hoje. Os professores precisam interagir, agir, praticar, ler...e tudo isso não são apenas verbos, mas sim prática do novo século que são necessárias. Essa interação “pretende superar a fragmentação do conhecimento e para tanto necessita de uma visão de conjunto para que se estabeleça coerência na articulação dos conhecimentos” (LÜCK, 1994, p. 60)

Resultados e discussão

Essa pesquisa de cunho qualitativo foi desenvolvida tendo como sujeitos de análises 5 professores das diversas disciplinas que compõem o ensino fundamental II de uma escola particular da cidade de Queimadas – Paraíba, juntamente com as análises de suas práticas em uma turma de 6º ano composta por 30 alunos de ambos os sexos.

Para o desenvolvimento dessa investigação, que durou em média o período de 3 meses, fizemos observações *in lócus* sobre a prática docente aplicada na turma referenciada acima, e a forma como se dava o processo de ensino e aprendizado. Para tanto, realizamos leituras teóricas que procurassem subsidiar os dados que estavam sendo elencados.

Inicialmente pedimos permissão à diretora como também aos professores para que pudéssemos realizar nossa investigação e todos eles se prontificaram em ajudar no que fosse necessário. O que já nos deu uma boa impressão, pois não fizeram nenhuma objeção mesmo sabendo que a autora deste trabalho iria realizar uma análise sobre as práticas desenvolvidas por eles durante o processo de ensino e aprendizado. Ainda passaram-nos seus horários de aula caso quiséssemos investigar nas demais turmas também, mesmo que afirmássemos que estaríamos apenas no campo do 6º ano.

Adentramos na sala de aula por diversas vezes e em momentos que os professores não nos esperavam para observação, assim poderíamos verificar algo que nos chamasse atenção, pois talvez se avisássemos de nossa ida poderiam reinventar novas práticas de aulas e, indo sem aviso prévio, pudéssemos surpreender com algo. No entanto, em nenhuma das vezes que fomos sem avisar, tivemos surpresas desagradáveis com práticas que não condissessem com um bom respaldo de pesquisa dos profissionais envolvidos.

Vimos que os professores procuravam dialogar bastante sobre suas pretensões de ensino e até alguns deles chegavam a marcar horário no contra turno para planejar em conjunto as aulas de forma contextualizada. Assim, a dinâmica do processo de ensino e aprendizado era bastante interessante, pois a forma como os professores aproximavam os conteúdos da realidade dos alunos fazia com que os estudantes se motivassem pelo aprendizado.

Independentemente de disciplina e área trabalhada, todos os professores procuravam explorar textos diversos e gêneros textuais possibilitando que o aluno enxergasse que trabalhar com a escrita e interpretação não cabiam apenas aos professores de língua.

Muitas vezes a aula era bastante animada e divertida incentivando a participação do aluno. Podemos exemplificar tal afirmação destacando uma ação do professor de matemática que estava explorando expressões numéricas e potenciação. O docente gostava de levar músicas para iniciar suas aulas e perguntamos a ele porque o trabalho com música e em específico funk e rap. O professor disse que era o ritmo que os alunos mais gostava e aproveitou para atrair o olhar deles para aprender a matemática de forma prazerosa aliando o útil ao necessário. Em uma de suas aulas, o professor formou equipes com os 30 alunos da turma e pediu que criassem paródia que envolvesse os conteúdos trabalhados.

Essa aula resultou em dois encontros, nos quais os alunos utilizaram até instrumentos musicais para representar suas produções. Foi notória a satisfação do professor ao ver que os alunos realmente tinham entendido a essência do conteúdo e nos afirmou que a contextualização era uma forma mais fácil de explorar os conteúdos que os estudantes resistem em aprender.

Em meio ao desenvolver das aulas de matemática, a professora de português trabalhou o gênero paródia para que os alunos compreendessem a estrutura. Nesse contexto, ambos os professores já havia planejados juntos e buscando uma forma de contextualizar os estudos. Além de os alunos terem representados as paródias na aula de matemática, também o fizeram nas aulas de português.

Em outro momento, a professora de filosofia estava explorando a interpretação de uma charge, na qual mostrava uma criança extremamente feliz por ter um celular j7 quando o anterior dela era um j5. A intenção era abordar o consumismo como se fosse uma satisfação para obter a felicidade. A docente fez uma relação entre a diferença entre consumidor e consumismo e que os bens que possuímos não são responsáveis para nos fazer felizes.

Os professores de Inglês e ciências trabalharam com o mesmo gênero textual, onde levaram a imagem de um outdoor explicitando que as pessoas devem comer comida natural. Na imagem



aparecem palavras em inglês e o professor explicava que elas acabaram ficando a portuguesa. Perguntamos ao professor o porquê de ele ter escolhido aquela imagem e ele respondeu que os alunos lanchavam muito sanduíche no horário do intervalo e até trocavam entre si.

Na ocasião, a professor de ciências explorou os nutrientes das verduras que normalmente aparecem nas receitas dos sanduíches. Em outro momento, a professora solicitou que pesquisassem uma receita de sanduíche natural e demonstrassem na sala de aula como prepará-los. Os alunos se envolveram tanto que até um nome para o momento deram: cozinha sanduichef.

Percebemos, então, que todos os professores se envolviam com a contextualização afirmando que se fosse para mudar de prática teriam muita dificuldade, pois só depois de explorar a contextualização nas aulas foi que sentiram resultados positivos nos aprendizados dos alunos.

Conclusões

Todos os passos tomados durante a investigação desse trabalho foram sumariamente necessários para o alcance dos dados obtidos. O objetivo proposto a priori foi alcançado e tivemos êxito nas análises de nossas respostas.

A justificativa exposta para a produção desse artigo foi reforçada no decorrer da escrita quando tivemos a comprovação de que quando o professor procura renovar sua forma de ministrar aulas e contextualiza, a aprendizagem fica muito mais significativa e o ensino prazeroso para o professor.

Desse modo, compreende-se que os alunos de hoje gritam por novas maneiras de ensinar. Maneiras essas que estreitem as relações existentes entre ensino e aprendizado com o intuito de facilitar o conhecimento. Assim, o profissional do ensino deve ser um pesquisador e procurar dialogar com outros professores trocando experiências com o foco em oferecer um ensino gratificante aos olhos do aluno.

As nossas observações nos conduziram a compreender que quanto mais o professor aproxima o aluno dos conteúdos ministrados na escola de maneira lúdica e atrativa, mais serão colhidos frutos positivos na aprendizagem e é possível que o aluno passe a gostar mais de estudar.

Compreendemos também que, o trabalho com diversos gêneros tornam as aulas motivadoras. Se o professor tiver um olhar clínico e procurar entender dos gostos dos alunos e fizer uma relação entre esses dois aspectos, mais os estudantes compreenderam a função social da escola.

Comprovamos ainda que algumas ações interdisciplinares envolvendo alguns professores levaram os alunos a compreenderem que o estudo é necessário e está em constante movimento. Por



isso, determinado saber não pode ser estagnado e pertencente a apenas uma disciplina ou outra, mas dependendo da dinâmica do professor é possível possibilitar a visão desse movimento entre todas as disciplinas. Mas entendemos que para que tudo isso aconteça é necessária a disposição do professor em querer fazer, se permitir e permitir o trabalho em equipe.

Referencia bibliográfica

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998

FAZENDA. I. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003

LIBÂNEO. J. C. **Didática**. Coleção Magistério: 2º Grau. São Paulo: Cortez, 1990.

LÜCK, H. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 1994

MAMEDE-NEVES. M. A. **Aprendendo Aprendizagem** (em CD-ROM). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1999

RICARDO. E.C. Implementação dos PCN em sala de aula: dificuldades e possibilidades. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**. Florianópolis, v. 4, n. 1, 2003.